

3ECOLOGIES

ENTREVISTA COM ERIN MANNING E BRIAN MASSUMI

3ECOLOGIES

ENTREVISTA

ERIN MANNING¹

erintango@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2776-4345>

BRIAN MASSUMI²

massumib@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9559-7767>

Em 2017, a artista e filósofa Erin Mannig e o filósofo Brian Massumi iniciaram a criação do 3Ecologies Institut. Hoje a ideia inicial se tornou o que denominam projeto 3E, com sede no vilarejo de Sainte-Anne-du-Lac, em Quebec, Canadá, que vem realizando várias ações de pesquisa, criação e ativismo.

Para esta edição da Revista Interfaces, Erin e Brian, concederam a entrevista abaixo às editoras Walmeri Ribeiro e Marina Guzzo.

Boa leitura!

WR|MG. A ideia para a criação do Institut 3Ecologies surgiu de uma longa experiência do SenseLab, Laboratório de Pesquisa em Artes, Filosofia e Ativismo|Concordia University. Como vocês mesmo apresentam, os legados do SenseLab permeiam o hoje chamado projeto

¹ Brian Massumi é autor de numerosas obras sobre filosofia, teoria política e teoria da arte. As suas publicações incluem *Couplets: Travels in Speculative Pragmatism* (2021), *99 Theses for the Revaluation of Value* (2018), e *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation* (segunda edição aumentada 2021). Com Erin Manning e o Projeto 3Ecologies, participa na exploração coletiva de novas formas de trazer práticas filosóficas e artísticas para a interação colaborativa.

² Erin Manning é professora na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Concordia (Montreal, Canadá). É também fundadora do SenseLab (www.senselab.ca), um laboratório que explora as intersecções entre prática artística e filosofia por meio da matriz do corpo sensorial em movimento. Os seus projetos artísticos atuais centram-se no conceito de pequenos gestos.

3E, especialmente a questão de como a coletividade é criada em um encontro mais do que humano com mundos em construção. Vocês poderiam explicar mais sobre a base do 3E, a inspiração no pensamento de Guattari, as atividades desenvolvidas e o desafio em construí-lo?

BM. A motivação por trás do projeto 3Ecologies (3E) foi abordar o terceiro dos domínios ecológicos de Guattari, de maneira mais direta do que havíamos feito até então. Ao longo dos 20 anos do SenseLab, trabalhamos de forma concentrada entre as ecologias social e conceitual/subjetiva, e sempre nos preocupamos com a ecologia ambiental, mas só esporadicamente encontrávamos maneiras de integrá-la explicitamente às nossas experiências na cidade. A transição do SenseLab para o 3E, em 2020, acrescentou um elemento baseado na terra, sem substituir a preocupação com o urbano. A palavra de ordem do pensamento ecológico guattariano é “transversalidade”: o trabalho de, e trabalhando em, o ativo entre os domínios. Isso não é tão simples quanto abordar cada um separadamente – como se fossem separáveis – e depois construir pontes entre eles.

É revelador como Guattari resume a abordagem “3-ecológica”, no final de seu livro *As três ecologias*. Em tradução nossa, é assim: “da subjetividade (em seu estado nascente), do social (em seu estado mutante), do ambiente (no ponto em que pode ser reinventado)”. Ao que acrescentamos um ditado de William James: “um processo estabelecido em qualquer lugar reverbera em toda parte”. Nascimento, mutação, potencial de mudança: o chamado é para abordar o mundo no nível emergente, de coisas em formação. Nesse nível, o que surge se abala e se sedimenta em domínios que podem ser abordados separadamente e estão em um estado de pressuposição recíproca ou inclusão mútua diferencial: em uma palavra, eles estão em relação imediata e coconstitutiva. Seu *in the making* reverbera no que se tornará suas diferenças realmente expressas. Elas ressoam juntas em seu potencial. Essa ressonância formativa é o significado da transversalidade. É mais do

que humana por natureza, porque é uma comoção de tornar-se, para além de qualquer forma particular de tornar-se, incluindo, principalmente, a do “homem”.

O SenseLab trabalhou durante anos para aprimorar técnicas baseadas em eventos, para operar coletivamente nesse nível, para preparar, acionar e orientar formas de tomada emergentes. Grande parte de nossa atenção foi direcionada para o “condicionamento” dos eventos, e isso exigiu a abordagem de elementos contribuintes não humanos, ou mais do que humanos, no sentido mais comum das entidades não humanas que habitam e compõem os arredores. O modo de abordagem era o que Erin, em seu trabalho, chama de gesto menor: o pouco presente, liminarmente perceptível, *infrathin* de uma confluência, contraste ou divergência. Pode ser uma sintonia com as mudanças nas condições de luz que altera sutilmente a direção de uma improvisação. Ou um arranjo semiescultural do espaço de encontro que sugere possibilidades ligeiramente alteradas que, por sua vez, sugerem diferentes pontos de entrada no encontro ou trajetórias por meio dele.

No 3E, os arredores são a floresta, as colinas, os lagos e os riachos de um trecho bastante selvagem da floresta do norte de Quebec, muito além de onde a maioria dos habitantes urbanos de Quebec costuma ir. Lá, os arredores da floresta, em vez dos arredores arquitetônicos ou urbanos, são o cadinho³ para pequenos gestos e o repositório de recursos condicionantes – e restrições. Não é um “em vez de”, mas um além de, por meio de e ao lado de, em um campo expandido de ressonância. Nunca tivemos a intenção de realizar um projeto de “volta à natureza” ou “volta à terra”. A ideia sempre foi brincar com a transversalidade da cidade e do campo, entre os quais nos alternamos, e cujos traços formativos carregamos para frente e para trás com nossos movimentos. Sem mencionar a conectividade global da internet via satélite. Uma localidade

³ Cadinho ou crisol é um recipiente em forma de pote, normalmente com características refratárias, resistente a temperaturas elevadas, no qual são fundidos materiais a altas temperaturas. Os ourives e os alquimistas o usam há séculos para purificar o ouro, de modo que o objeto tem também significado metafórico. Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cadinho>.

é sempre um ângulo singular do translocal, condicionado por uma conjuntura única de cofatores e fluxos geológicos, biológicos, meteorológicos, históricos e culturais. O 3E exige que mergulhemos na singularidade de nosso canto de “Quebec profundo”, próximo ao pequeno vilarejo de Sainte-Anne-du-Lac, para entrar em um ângulo dos potenciais transversais que se agitam de forma singular ao longo dessa inclinação.

WR|MG. E como as artes contribuíram e contribuem para a construção do 3Ecologies?

BM. Pensamos mais em termos de estética, como um modo de experiência, do que nas artes como um domínio constituído. Para nós, a estética é a sintonia com o mais-do-que da relação que descrevi: a percepção direta ou o pensar-sentir, dos potenciais, no nível imediatamente qualitativo e afetivo em que eles nos interpelam.

As técnicas para condicionar o potencial emergente são sempre “artísticas”, embora não necessariamente “artísticas” no sentido de atender aos critérios da arte no sentido institucional. A artisticidade, como Erin teoriza, é o reino do gesto menor – a investigação de tendências formativas, preparando-as para assumir uma expressão emergente, com um senso abduativo da orientação e da qualidade processual de sua atuação incipiente. A artisticidade requer o atendimento às restrições, vividas como restrições que possibilitam uma abertura para a relação em construção, em vez de restrições limitadoras, que restringem.

A artisticidade é uma preocupação constante para o 3E, principalmente porque as restrições das condições extremas da floresta do norte podem ser implacáveis e parecer uma batalha contra limitações externas que precisam ser superadas pelo trabalho.

O trabalho nunca foi o nosso paradigma. O trabalho é friccional, conotando a aplicação ponto a ponto de uma força programaticamente transformadora. Ou é extrativista, envolvendo a dedução do ambiente de quantidades de valor armazenado ou energia potencial, por exemplo, na forma de madeira – para queimar e sobreviver às noites de inverno de -40

graus centígrados. Nosso paradigma, por outro lado, sempre foi o jogo relacional, centrado no excesso de efeito produzido que se desprende de interações complexas como uma espécie de mais-valia processual. Mas gastamos uma quantidade excessiva de tempo produzindo e armazenando lenha para sobreviver ao inverno, para citar apenas um exemplo. Nosso problema é como encontrar a margem de diversão no que parece tanto com trabalho e fazer as extrações necessárias em um processo maior, cujo teor geral é aditivo e regenerativo. Ainda não resolvemos isso. Esse é o principal vetor da pesquisa experimental no 3E. Sabemos que acrescentar atividades artísticas à mistura relacional pode criar ressonâncias cruzadas com o trabalho que muda sua ambientação e lhe dá um tom alterado.

Esse teor coletivo tem mais a ver com a artisticidade – a fermentação da mais mundana das tarefas com a arte – do que com a arte em qualquer sentido convencional. A artisticidade é como um processo alquímico que transforma o trabalho em diversão. Não posso dizer que dominamos a receita. O ouro da artisticidade tem uma tendência acentuada de se fundir novamente com o chumbo do trabalho. De qualquer forma, a madeira ainda se parece muito com trabalho. Mas estamos trabalhando nisso (desculpe a expressão).

EM. Recentemente, voltei ao meu estúdio depois de três anos do “trabalho” de que Brian fala. No início, quando estávamos completamente sobrecarregados por sistemas complexos que não funcionavam e metros de neve a ser removidos com pá todos os dias durante meses, sem um carro (entramos nessa como proprietários de bicicletas contra carros!), sem nenhum conhecimento mecânico ou até mesmo a mais remota capacidade de avaliar se o ataque de problemas era terrível ou gerenciável, não parecia muito artístico. Parecia estressante e assustador. Naquele período, demos uma entrevista (publicada em *Out of the clear*) em que nos perguntamos sobre a parte especulativa de uma abordagem pragmática especulativa – será que, de alguma forma, a havíamos abandonado? Estávamos assustados com nossa tendência de estar na

avaliação do trabalho. Esse período durou pouco mais de um ano. O que percebemos com o passar do tempo foi que a repetição de tarefas poderia produzir uma arte ao longo do tempo. Essa é a força da artisticidade – que não é tanto nossa para criar, mas sim para nos sintonizar com ela. E, nessa sintonia, somos alterados, o “nós” da subjetividade é transversalizado. Assim, no segundo e terceiro anos, comecei a sentir que o projeto 3E tinha uma espécie de qualidade de estúdio, como uma enorme tela.⁴ E eu estava profundamente ciente de como ele era generativo para o tipo de corporalidade que experimentamos ao longo dos anos – uma corporalidade que não considera o modelo de autoativação da função executiva como o principal canal para a experiência.

O que quero dizer com isso é: uma abordagem neurotípica do trabalho coloca o sujeito como ativador preexistente da atividade orientada pelo produto. “Eu” sou o líder do movimento. O foco na neurodiversidade nos ensina que o movimento se move e que “eu” sou movido nesse movimento, movido no sentido de ativado, movido no sentido de deslocado e movido no sentido de sentir o deslocamento. O desafio da neurodiversidade é ser forçado a viver em um ambiente em que o único motivador do movimento é o “eu”. Isso geralmente leva à estagnação (e seus efeitos – depressão, ansiedade). A tela 3E é uma força de ativação, e foi no reconhecimento dessa força que comecei a sentir a parte especulativa de sua proposta. Quando as pessoas vêm, elas são levadas a agir de forma pragmática – empilhamos lenha, alimentamos as cabras, cuidamos da horta, fazemos xarope de bordo,⁵ limpamos a casa – e, no entanto, essas atividades pragmáticas nunca são redutíveis ao que produzem, porque o que elas abrem é justamente o mais-do-mesmo da produção. Parece paradoxal, eu sei. Mas há um alívio tão grande na ativação que outras qualidades da experiência vêm à tona. Um exemplo pode ser a residência coreográfica de Vitoria Kotsalou. Seu trabalho

⁴ Erin usa a palavra *canva*, que traduzimos como tela, mas que poderia ser imaginada como qualquer suporte para criação artística.

⁵ *Maple Syrup*, xarope tradicional produzido no Canadá.

durante as duas semanas em que estive na cabine do 3E foi criar uma coreografia para apresentação pública em Atenas. Nos primeiros dias, ela ficou na cabine.

Mas então ela se viu vindo para onde estávamos trabalhando, passando as manhãs conosco, rachando madeira e trabalhando na serraria, e limpando a casa alugada que sustenta parcialmente as atividades do 3E. Foi por meio dessas atividades, ela me disse, que o trabalho coreográfico começou a ganhar vida.

Tendo agora retornado ao estúdio – a um local que é mais enfaticamente sobre “arte” – em preparação para uma exposição em Londres em maio de 2024, carrego essa relação entre o que chama o corpo para agir e o que se propõe nos interstícios. Enquanto trabalho na peça – intitulada *100 Acres* – que me dei oito meses para concluir (ou para ir o mais longe que puder com ela), parece que estou carregando um ritmo diferente, um ritmo que vem do sentimento – para aquelas modalidades de experiência que não são diretamente registráveis como arte. Não tenho certeza de aonde isso me levará – em ambos os extremos do espectro, já que, é claro, ainda estou profundamente envolvido com a 3E –, mas sei que a questão de como a arte e a artisticidade se compõem está comigo de uma maneira diferente.

WR|MG. Você cita *Out of the clear*, Erin. Esse é o primeiro livro resultante de sua experiência no Institut 3Ecologie, e na apresentação do livro você afirma: “O impessoal lidera essa exploração de que tipo de socialidade menor pode surgir nos interstícios de inclinações mais do que humanas”. E, na resenha do lançamento do livro, Arun Saldanha, observa: “Diferentemente de muitos “retornos” anteriores à “natureza” fora da rede, o 3E envolve a negritude, a indigeneidade, a descolonização, a neurodiversidade, as telecomunicações e a internacionalidade como dimensões intrínsecas de seu trabalho comunitário. O Antropoceno pode nos levar à sombria suposição de que a mera sobrevivência do século já será uma façanha. Manning demonstra que a vida é sempre mais do que

isso – desde que novos vocabulários continuem a ser criados em meio ao que acontece."

Quais então as propostas para entender e confrontar o que está sendo chamado de Antropoceno?

EM. Comprar um terreno nunca foi nosso plano. Chegamos a essa parcela de terra por acaso, em um momento em que ficou claro que nunca conseguiríamos comprar um prédio para o 3E em Montreal. Naquela época, a ideia do Institut 3Ecologies (que se tornou o Projeto 3E) estava crescendo há mais de uma década. Nos primeiros anos, nós o concebemos mais como um ambiente pós-universitário alternativo e econômico. Com a compra do terreno, começamos a ver que o que estávamos buscando não era um instituto, mas, na continuação do SenseLab, projetos parapedagógicos que mudavam as condições da existência neurotípica (branca). Não se tratava, portanto, como disse Brian, de "voltar para a terra". Sempre estivemos na terra. A diferença foi que, pragmaticamente, enfrentamos novos desafios, como gerenciar um local fora da rede, no Norte, com energia solar quando o sol está extremamente baixo, de novembro a fevereiro; como trabalhar com o fato de que precisaríamos usar ativamente mais combustíveis fósseis do que antes (por meio de carros e geradores de reserva). Havia muitos paradoxos, incluída, é claro, a própria questão da "natureza".

A questão do Antropoceno é ao mesmo tempo muito distante – muito grande, muito global – e absolutamente imediata. O que quero dizer é que estamos envolvidos em um cotidiano na terra que não é teórico (ou transferível) de forma alguma. O trabalho simplesmente precisa ser feito, constantemente. É realmente inacreditável (se você não estiver acostumado a isso) a quantidade de movimento que há em uma floresta. As árvores estão sempre caindo, bloqueando as estradas e trilhas ou esmagando as linhas de seiva na floresta de bordo (os tubos de plástico pelos quais a seiva flui durante a estação de produção de açúcar). E elas também estão sempre crescendo, ficando altas demais para os painéis solares, que são extremamente sensíveis a qualquer sombra. Esse trabalho

pragmático – que não podemos fazer sozinhos – tem uma qualidade cotidiana. Trabalhamos com lenhadores que, em sua maioria, são sustentados pelo setor madeireiro extrativista de Quebec. Eles nos ensinam mais do que poderíamos imaginar, pois são sensíveis a como a mudança climática está modificando os hábitos de crescimento na área. Eles podem sentir como uma futura floresta é alterada por temperaturas muito altas (acabamos de ter o verão mais quente já registrado) e pela seca. Eles percebem a nova qualidade do vento que destrói as florestas mais frágeis. Mas também notam a proliferação de mirtilos e cogumelos no rastro das árvores caídas. Eles notam a mudança na acidez da terra e os perigos da monocultura que vêm não apenas das práticas de extração de madeira, mas também dos incêndios florestais em um clima que não pode mais regenerar os mesmos tipos de florestas. As conversas sobre a mudança climática ocorrem diariamente, quando recuperamos o fôlego ao carregar madeira ou colher tomates ou ao nos perguntar por que os pepinos não estão prosperando este ano.

Vim para o norte com preconceitos. Eu achava que sabia como pensar sobre o clima de uma forma mais complexa do que as pessoas envolvidas nos setores extrativistas. Eu desconfiava da agricultura de monocultura e de uma tendência de sobrevivência que reina como sua suposta alternativa – uma tendência que parece terrivelmente branca e individualista. O que encontrei foram todas essas coisas, com uma mistura de complexidade sobre a vida, como é realmente vivida. Isso aborda diretamente o Antropoceno? Não sei. Acho que produz uma abertura para a prática que muda a cultura de engajamento com a Terra. Espero que seja poderoso o suficiente para voltar aos locais que esquecemos que são “terra” – a cidade, a universidade, o mundo da arte.

WR|MG. Brian, você poderia explicar a ideia sobre valor e mais-valia da vida no 3Ecologies? Como o conceito de valor, como você propõe, está sendo construído em ação?

BM. O conceito de valor de uso está ligado à organização do trabalho e é parte integrante do sistema capitalista de valor. O valor de uso tem um aspecto qualitativo, que corresponde a um efeito produzido e seu rendimento experimental, como o calor que se obtém ao queimar madeira. Mas o aspecto experimental, embora seja parte do que impulsiona a demanda, é sistematicamente colocado em segundo plano. O mais importante é a estocagem de um efeito produzido em forma objetiva, por exemplo, na forma de toras que podem ser vendidas. Isso permite que os efeitos futuros circulem e entrem nos circuitos de troca. No capitalismo, o valor de uso está totalmente vinculado a esse valor de troca. Ele é subordinado ao mercado, no qual o valor de uso aparece apenas como uma fase do valor de troca. O motor da troca é a geração de lucro: uma mais-valia extraída da realização do valor de uso por meio da troca. Essa é uma mais-valia quantitativa, expressa em uma quantidade de lucro. Na análise marxista clássica, o valor de uso é considerado tempo de trabalho cristalizado – trabalho objetivado – que é “alienado” no lucro extraído que se acumula para aqueles que estão em posição de exercer o capital de investimento.

O SenseLab e, agora, o 3E trabalharam arduamente para conceituar e praticar modos de avaliação não capitalistas que também vão além da teoria marxista clássica do valor. O conceito orientador é a mais-valia da vida. A mais-valia da vida é um excesso de efeito, além de qualquer valor de uso ou valor de troca, que se origina de interações complexas. Um ponto de inflexão catalítico é um exemplo. Em um sistema complexo, as sinergias relacionais podem levar o sistema a um modo totalmente novo, caracterizado por propriedades emergentes. Essa catálise é um efeito da relacionalidade em jogo e não da quantidade de trabalho realizado. Ela se encaixa à medida que os elementos em relação unem seus potenciais, produzindo uma transformação global sem nenhuma entrada adicional de tempo ou energia. É, de fato, como uma transformação alquímica auto-organizada. O valor excedente da vida é a experiência afetiva que acompanha uma transformação relacional desse tipo. Ela é irredutivelmente qualitativa: um sentimento de devir, de mudança, de

potenciais que se expressam como nunca antes, anunciando ainda mais transformações por vir, o sentimento desse surgimento, bem como a plenitude do mundo em poderes de transformação que encontrarão outras iterações. O valor excedente da vida é apenas vivido. Não pode ser armazenado ou trocado. Está singularmente ligado à passagem de um limiar de experiência. É um efeito de excesso singular, além do valor de uso e do valor de troca. Seu valor está todo e somente no fato de ser vivido. Nossa proposta é que a atividade coletiva que alcança o nível emergente que já mencionei pode gerar essas sinergias de relação e gerar a mais-valia da vida. No SenseLab, passamos anos explorando a possibilidade de haver uma economia pós-capitalista qualitativa que pudesse se basear fundamentalmente na mais-valia da vida, ao mesmo tempo que fizesse interface com economias mais tradicionais. Exploramos essas ideias sobre valor em meu livro *99 theses for the revaluation of value* e no capítulo *Cephalopod dreams*, de Erin, em *For a pragmatics of the useless*, entre outros lugares. Essa exploração econômica alternativa é um caminho que estamos preparando para retomar no 3E.

WR|MG. Estamos preparando um dossiê sobre arte e o Antropoceno, mas estamos realmente preocupadas em como as práticas artísticas e seus diálogos podem gerar práticas de reflorestamento, com base na ideia do comum. Para nós, o 3E é um exemplo de como as práticas artísticas em diálogo podem propor essa ideia de reflorestamento e a construção de um bem comum. O que vocês pensam sobre isso?

BM. Certamente esperamos que, quando artistas e pensadores vierem ao 3E, eles se sensibilizem com os arredores naturais e experimentem a floresta como um modulador sutil de suas percepções e atividades, mesmo quando ela não for o objeto explícito de seu trabalho. Em um nível mais direto, há sempre atividades de regeneração e gerenciamento de florestas e riachos em andamento no 3E, das quais eles são convidados a participar e nelas integrar seu trabalho. Essas atividades

ocorrem dentro de um horizonte estético, de um escaneamento ou escultura da terra que segue suas linhas de força imanentes e modula sua expressão, em vez de ser impostas à terra de cima e de fora. Um jardim não é apenas um jardim. É um nó de expressão mais do que humano que atrai criaturas e altera suas condições, enquanto elas as alteram em retorno, coesculpindo potenciais.

Embora o que fazemos esteja em diálogo com as concepções de comum e bens comuns, mantemos certa distância delas. O(s) comum(ns) geralmente carrega(m) conotações de acesso e distribuição de recursos, o que, na prática, pode colocar a terra novamente na posição de um objeto para entrada e distribuição de acordo com as necessidades humanas. Ela ainda é uma categoria de propriedade. Embora isso seja muito útil para a proteção legal contra o desenvolvimento extrativista – por exemplo, na forma de fideicomissos cooperativos de terras – e embora as necessidades e os desejos humanos sejam, obviamente, um componente importante na ecologia geral, talvez o conceito de comum(ns) possa problematizar a forma como eles participam dessa ecologia; acreditamos que é necessário empurrar a categoria de comum(ns) para o que Moten e Harney chamaram de subcomuns. Isso muda o foco para os acontecimentos que subentendem os modos formais de organização – o que já está em movimento e em construção, com todas as suas nuances e perceptibilidades limítrofes. Como entendemos, essa é a “atividade nua”: o fomento do que já está lá, mas por pouco, passando por baixo do radar das categorias convencionais e dos meios normativos de detecção e aceitação.

Um projeto como o 3E tem de se situar entre o(s) comum(ns) e o(s) subcomum(ns), e jogar entre eles. Não é, porém, apenas uma questão de duas perspectivas diferentes, mas de dois níveis interligados, cada um com seus próprios modos e maneiras de processo. O que no nível mais perceptível e já acionável do “maior”, incluindo as formas do(s) comum(ns), aparece como uma entrada e uma repartição das recompensas da ecologia; é invertido no lado dos subcomuns. Lá, somos nós que somos envolvidos, em vez de entrarmos, e são nossos potenciais que são

distribuídos pela ecologia, em vez de sermos nós a os distribuir. A agência está na interface desses dois modos, o que significa que ela não segue um único caminho. É, como Erin menciona em *Pragmatics of the useless*, um “agenciamento” (*agencement*) em que as orientações não são direcionadas, mas emergem de uma cooperação complexa de modos que implicam uma multiplicidade de fatores contributivos cuja multiplicidade nunca é levada em conta ou subjugada.

WR|MG. Para finalizar, qual o “futuro” do 3E?

EM. Quando discuti aqui minha visão sobre o Antropoceno, quis trazer a questão do capital, como Brian fez. É simplesmente impossível separar essa questão do que estamos fazendo. Antes de iniciar o 3E, trabalhamos durante anos em uma criptoeconomia alternativa que chamamos de The 3E Process Seed Bank. Foi um trabalho árduo, e nunca conseguimos concluí-lo, mas aprendemos muito sobre o dinheiro como convocador de um tipo de socialidade – uma socialidade que está submetida à mais-valia capitalista, mas que também está viva, nas margens, a mais-valia da vida. O que queríamos era criar condições para eliminar a propriedade individual do valor. Isso se mostrou extremamente difícil do ponto de vista computacional.

O 3E continua o trabalho por outros meios. Concebemos nosso projeto como uma forma de devolver a terra a si mesma. Concretamente, isso significa mudar as condições de propriedade de modo que a terra possa se tornar sua própria administradora e gerar os modos de transversalidade que estão repletos dos tipos de gestos menores de que Brian falou. Nesse contexto, pensamos na socialidade menor como um modo a ser aperfeiçoado. A socialidade menor é, ao mesmo tempo, devedora do que Laura Harris chama de socialidade estética da negritude, em que a negritude é a recusa paraontológica de reduzir a vida à matriz colonial de sua diferença com a separabilidade, bem como do que chamei de percepção autista, aquele campo de relação que é animado a partir das bordas em uma recusa de fragmentação. A frontalidade – a maior

socialidade – gera a branquitude em seu compromisso neurotípico de delinear uma subjetividade de outra. A propriedade a sedimenta.

Um fazendeiro do vilarejo de Sainte-Anne-du-Lac legou sua terra ao 3E, querendo participar da promessa que fez à sua mãe, quando ela morreu, de “fazer bom uso da terra”. Essa foi uma surpresa muito comovente. O desejo de desvincular a terra da propriedade privada é uma forma muito importante de proliferação de socialidades menores. Como serão essas socialidades, não sei dizer. Por enquanto, tudo o que sei é que elas não podem ser reduzidas a algo tão categorizável como “comunidade”. São necessários outros modos de encontro, de convivência, qualidades mais do que humanas de coexistência e colaboração para poder gerar modos de vida pós-capitalistas. Esses modos não surgirão na modalidade do autoempreendedorismo e da propriedade privada de si mesmo. Mas também não se tornarão pensáveis na teorização dogmática dos modos de socialidade que são desprovidos de paradoxo. É o trabalho de sentar-se no paradoxo que mudará lentamente os contornos da cultura, e isso só acontecerá se, no paradoxo, estivermos empenhados em praticar essas novas formas de viver e aprender.

3E

Sainte-Anne-du-Lac, 2023